



UFSM

Artigo Monográfico

**A EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO
INSTRUMENTO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS**

**MARIA REJANI BOROWSKI
CAETANO**

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SÃO BORJA, RS, Brasil

2007

**A EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO
INSTRUMENTO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS**

por

Maria Rejani Borowski Caetano

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial:
Déficit Cognitivo e Educação de Surdos do Centro de Educação da
Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a Fundação
Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja/RS, como requisito
parcial para obtenção do grau de
**Especialista em Educação Especial Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos**

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

SÃO BORJA, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação – Especialização em Educação
Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

**A EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO
INSTRUMENTO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES
EDUCACIONAIS ESPECIAIS**

elaborado por
Maria Rejani Borowski Caetano

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos***

Comissão Examinadora

Profª Drª Maria Inês Naujorks
(Presidente/Orientador)

Psicóloga Sibila Luft – Mestre em Educação

Profª Ms. Renata Corcini Carvalho

São Borja

**A pior coisa que pode acontecer
Na vida de uma pessoa
Não é quando seu projeto
Não dá certo,
Seu plano de ação
Não funciona
Ou quando a viagem
Termina no lugar errado.
O pior é não começar.
Esse é o pior naufrágio.
(Almir Klinck)**

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Gustavo (in memorium) e Aline, por fazerem parte da história da minha vida, dando-lhe um novo rumo e, que sempre foram e serão os donos do meu coração, com eles conheci o amor mais puro e verdadeiro; o de mãe. Por eles, de cordeira me transformei em leoa e se nem sempre acertei, pelo menos tentei.

Sempre me acharam muito corajosa e persistente, porque, certo ou errado, silenciava meus medos e minha vontade de desistir, para tentar dar o exemplo de que a vida a gente enfrenta e o que queremos devemos lutar para conseguir.

Ao Errol, meu companheiro, graças a ele Deus me deu duas jóias preciosas para guardar no cofre do meu coração: Gustavo e Aline.

Ao Leon, meu filho emprestado, a quem muito amo por fazer a minha filha feliz e por estar sempre ao meu lado.

À minha mãe Elida, sempre presente em todos os meus momentos, uma pessoa de grande coragem a quem muito admiro e respeito, que ensinou às filhas a proteger e suprir as suas famílias.

Às minhas irmãs: Lena, pela sua força perante a vida, que me fez persistir nos momentos de indecisão e provar que tudo é possível para aquele que crê; Iara, que me mostrou o caminho que leva à luz, a qual hoje brilha em meu coração e em minha vida; Stela, a irmã-filha que junto com o Itamar, querido cunhado, sempre me incentivou a continuar estudar e procurar aperfeiçoar-me em minha profissão; todos também presentes em todos os meus momentos.

Às minhas sobrinhas e sobrinhos: Marla, minha quase filha e professora na elaboração deste artigo, precisou de muita paciência para isso; Márcia, querida afilhada; Luciana, a libriana; Josi, a neguinha; Bianco, o paizão; Leandro, o bonitão; Mateus, o roqueiro.

Aos meus sobrinhos-netos, que são lindos: Bruna, Carla, Camila, Gabriel, Henrique, Maria Clara e Gabriella, de quem gostaria de ser a avó titular. Por enquanto minha única "neta" é a Cissa, grande companheira.

Aos meus colegas pelo tempo que compartilhamos, que não foi pouco, pelos acertos e desacertos, que acrescentaram um pouco mais em cada um de nós.

Às Professoras Ana Cláudia Dutra, secretária nacional de educação especial, Luiza Gattiboni e Ana Claudia Gattiboni Dutra, que tornaram possível concretizar mais este sonho na minha caminhada.

Às professoras e professor, pelo carinho, pela dedicação, pela oportunidade de adquirirmos novos saberes e conseguirmos percorrer mais um pedacinho em nossa jornada cultural.

Às queridas Sabrina, Eunice e Francine, as primeiras foram nossas mestras e mediadoras e Francine sempre com simpatia e paciência informava as últimas notícias e tudo o que precisávamos saber e fazer.

À minha escola, colegas e alunos que me inspiraram.
A todos que me acompanharam e me auxiliaram em mais esta vitória,

Obrigada!

RESUMO

Artigo de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO INSTRUMENTO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

AUTOR: MARIA REJANI BOROWSKI CAETANO
ORIENTADOR: PROF^a DR^a MARIA INÊS NAUJORKS
SÃO BORJA

Este artigo apresenta o trabalho desenvolvido pelos professores da EJA – Educação de Jovens e Adultos, seu constante aprendizado, para promover a inclusão de alunos que apresentaram, no desenrolar de sua vida escolar, deficiências cognitivas e afastaram-se da escola por esse motivo, tornando-se excluídos desse sistema. Aqueles que abandonaram seus estudos há muito tempo e também os jovens que mudam de curso porque estão repetindo a mesma série há mais de um ano. A EJA abre espaço para esses alunos que procuram novamente seu lugar nesse contexto. Ainda, expõe a capacidade cognitiva do aluno frente aos desafios do curso e também os que os educadores enfrentam no seu fazer pedagógico e revela que é possível vencer os obstáculos presentes no cotidiano escolar, possibilitando uma educação que priorize o pensamento crítico dos educandos, promovendo sua autonomia intelectual e com isso sua inclusão na sociedade.

Palavras-chave: Inclusão, Necessidades Educacionais Especiais, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Artigo de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

THE EJA - YOUNG EDUCATION OF E ADULT AS INSTRUMENT IN THE INCLUSION OF PUPILS WITH EDUCATIONAL NECESSITIES SPECIAL

AUTOR: MARIA REJANI BOROWSKI CAETANO
ORIENTADOR: PROF^a DR^a MARIA INÊS NAUJORKS
SÃO BORJA

This article presents the work developed for the professors of the EJA - YOUNG Education of e Adult, its constant learning, to promote the cognitivas inclusion of pupils who had presented, in uncurling of its pertaining to school life, deficiencies and had been moved away from the school for this reason, becoming excluded of this system. Those that they had abandoned its studies also have much time and the young that move of course because they are repeating the same series has one year more than. The EJA opens space for these pupils who again look its place in this context. Still, it also displays the cognitiva capacity of the pupil front to the challenges of the course and the ones that the educators face in its to make pedagogical and disclose that he is possible to win the obstacles gifts in the daily pertaining to school, making possible an education that prioritizes the critical thought of the educandos, promoting its intellectual autonomy and with this its inclusion in the society.

Word-key: Educational inclusion, Necessities Special, Young Education of e Adult.

A EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO INSTRUMENTO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

OBJETIVO

Mostrar as práticas de construção da aprendizagem utilizadas e a atuação dos professores na EJA que auxiliam os alunos com necessidades educacionais especiais a dar continuidade aos seus estudos e na sua inclusão tanto no meio escolar quanto no social.

INTRODUÇÃO

O direito à educação é afirmado na Declaração Universal de Direitos Humanos e reafirmado pela Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Qualquer pessoa tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Contudo, muitas pessoas com deficiência tiveram, por longo tempo, esse direito negado. O tratamento destinado a elas tinha como objetivo sua adaptação tentando normalizar sua deficiência e negligenciando sua particularidade. A educação inclusiva oferece a escola comum para todos, abrindo espaço para as diferenças, respeitando as suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e outras.

No contexto desta estrutura, o termo "necessidades educacionais especiais" refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Muitos apresentam dificuldades de aprendizagem e, portanto possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização. As escolas devem buscar formas de educá-los com sucesso. Todos têm direito à educação e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais ou emocionais. O sistema educativo deve atender às necessidades educativas e de formação de todos os indivíduos, ter a capacidade de diversificar e ajustar a ação educativa, observando as características, capacidades, interesses e individualidades demonstrados diante da aprendizagem, proporcionando a cada um o suporte necessário para percorrer o seu caminho. Uma metodologia de ensino inclusiva deve ser capaz de garantir que o aluno se sinta motivado para freqüentar a escola e participar das atividades de sala de aula, deve

possuir qualidade em seu currículo e metodologia, procurar identificar barreiras que impedem a aprendizagem e encontrar métodos de removê-las para que o aluno seja respeitado em seu processo de aprendizagem. Precisa-se entender que os alunos são diferentes entre si, são únicos em sua forma de pensar e aprender, não se pode exigir o mesmo desempenho e trabalhar com eles de maneira uniforme, deve-se individualizar o ensino contemplando as distintas capacidades.

A educação de sujeitos com necessidades educacionais especiais tem os mesmos objetivos que a educação de qualquer cidadão, requerendo algumas modificações na organização e no funcionamento da educação escolar.

As deficiências acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultam o acompanhamento das atividades curriculares caracterizam o aluno com necessidades educacionais especiais, que se deve respeitar em sua diversidade, trabalhando em sala de aula não como se houvesse uma homogeneidade entre os alunos, mas sim, indivíduos que necessitam de didáticas e métodos diferenciados. O desempenho desses alunos não deve ser avaliado sob os mesmos critérios ou as mesmas medidas, não devem ser comparados entre si, mas avaliados individualmente verificando o desenvolvimento de suas potencialidades.

Os alunos com necessidades educacionais especiais precisam receber educação diferenciada, recursos pedagógicos e metodologias específicas que desenvolvam suas potencialidades, não somente cognitivas, mas também sócio-culturais, dando suporte para a formação de cidadãos conscientes e participativos, que irão derrubar preconceitos e eliminar estigmas gerados pela desinformação de nossa sociedade que encara a deficiência como uma ameaça para quem a apresenta e para as pessoas sem deficiência, que não sabem lidar com essas diferenças.

Nesta perspectiva, a EJA com a proposta de ensino diferenciada oferece a todos os excluídos do sistema uma oportunidade de retornar às salas de aula, tanto os jovens que há pouco interromperam os seus estudos, ou mudaram de turno por ter idade incompatível ao que estavam freqüentando já que não conseguiam alcançar o conhecimento necessário para mudar de série e continuavam repetindo a mesma diversas vezes, quanto os adultos de idades diversas, que pararam de estudar há 15, 25, 40 anos ou até mais tempo e retornam com muita esperança de aprender e, principalmente, não mais sentir-se excluído.

Esses alunos são os objetos dos esforços para construção de saberes que contemplem a todos, sem distinção, no processo da aprendizagem. Para que ocorra sua inclusão não somente na escola, mas também na sociedade.

Observa-se que essas pessoas ao voltam a estudar, após tanto tempo utilizam os mesmos termos para definir a si próprios como "burros" ou "muito velhos", incapazes de aprender e ao serem questionados o porquê desses rótulos, as respostas são semelhantes:

- "Eu não conseguia aprender, por isso, meu pai me tirou da escola".
- "Eu só repetia o ano porque me diziam que não sabia escrever direito e que não iria aprender".

Evidencia-se a sua insegurança, pois nem sequer contradizem a quem os estigmatizou, simplesmente aceitaram essa barreira que lhes impuseram, sem refletir que não são incapazes, mas apenas possuem um ritmo diferente de aprendizagem onde devem ser valorizadas as suas capacidades e potencialidades e não reforçadas as sua dificuldades.

Esses alunos conseguem progredir, na escola, até um determinado estágio onde permanecem porque não possuem todas as competências necessárias para alcançar uma nova etapa e faltam procedimentos para auxiliá-lo. As suas características são distintas, enquanto uns diferenciam-se por sua timidez, que parece refletir a compreensão de sua capacidade limitada se comparada com a dos colegas, o que os torna alunos invisíveis; não questionam nem emitem opiniões ou escolhas, realizam todas as tarefas, mas não têm a percepção daquilo que fazem, são aparentemente organizados, mas sem iniciativas. Outros tentam centralizar as atenções para si através de comportamentos contraditórios, como sendo agressivos, não realizando nenhuma tarefa proposta e expressando-se com um vocabulário incompatível com o ambiente.

Nesse contexto, insere-se o professor que necessita aprender a abrir novos espaços de aprendizagem, a fim de que esses alunos com algum tipo de comprometimento cognitivo possam dar continuidade aos seus estudos.

Neste artigo, parte-se dos mais recentes desenvolvimentos conceituais em dificuldades de aprendizagem que indicam novos rumos e as necessidades atuais da pedagogia, apontando-se procedimentos de ensino e de avaliação que resultam em uma ação pedagógica de valorização, proporcionando uma nova dimensão às potencialidades do aluno e, conseqüentemente, à superação escolar.

Assim, ao adotar essas práticas verifica-se que o processo de inclusão desses alunos em sua escola começa a acontecer.

A proposta de uma escola inclusiva que acolha todos os alunos em suas singularidades e diferenças, ao trazer para a sala de aula comum os alunos com necessidades educacionais especiais exige dos professores, uma transformação e a busca dos saberes pedagógicos que amparem o seu trabalho, reafirmando a relevância da educação como essência inerente ao próprio homem e como forma de socialização deste ente social.

A cada atitude humana persiste a educação, para fazer, para saber, para ser e para conviver, ou seja, está absorvida pela vida enquanto constante processo de conhecimento. O homem é um ser social, portanto, apto ao aprendizado incessante, constante.

Segundo BRANDÃO (1995), “a educação existe sobre os mais diferentes ensinamentos no decorrer do mundo e da vida dos cidadãos, pois em cada lugar temos cultura e hábitos diferentes.”

A educação pode existir livre e entre todos, pois é através dela que o homem forma sua própria identidade e, o grupo social a sua ideologia e seu modo de vida.

FREIRE (1995a) afirmava que: “a educação não é um processo isolado das demais esferas da sociedade, mas um ato político, capaz de libertar o homem de sua condição de oprimido e desta forma mudar a sua realidade”.

De acordo com FREIRE (1995b): “A educação visa a libertação, a transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objeto.”

Nesses termos, percebe-se que a educação significa a libertação do homem, à medida que este for capaz de lutar por seus direitos em busca da igualdade social. Assim, reforça-se a posição do educando, como um ser ativo, criativo e reflexivo, e do educador como agente transformador de uma sociedade, utilizando a educação como um ato político e democrático. Pelo fato de entender-se que o educador comprometido com os seus educandos, não pode privá-los do ato de aprender com significado, impedindo-os de serem livres e autônomos quanto a sua relação com o conhecimento. Enfim, acredita-se que o educador exercendo sua profissão com amor e competência consegue superar os desafios presentes no fazer pedagógico, pois não há vitória sem luta e educação sem amor.

A EJA - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos procura satisfazer as necessidades educacionais de pessoas que não concluíram ou sequer iniciaram seus estudos no tempo correto, entende-se por esse termo idades cronológicas estabelecidas conforme o sistema vigente.

Os alunos que freqüentam a EJA têm idades bastante variadas, que vão desde os quinze anos (EJA fundamental) a sessenta e cinco anos ou mais. Procedem de camadas sociais diversificadas, convivendo lado a lado pessoas de alto e médio poder aquisitivo com as de baixa renda.

São muitos os objetivos dos indivíduos que procuram a EJA, sejam eles para concluir os estudos em menos tempo com a finalidade de cursar uma faculdade, já que a EJA pode ser feita por etapas e não, obrigatoriamente anual, conseguir promoção no trabalho ou satisfação pessoal e convívio com outras pessoas. E, nesse sentido, eles têm exigências e necessidades diferentes enquanto os primeiros querem que o desenvolvimento do conteúdo seja efetivado rapidamente, ao contrário, a vontade dos outros é de que isso ocorra em um ritmo mais lento, Devido às suas dificuldades.

Essa diversidade de alunos, cada um com suas necessidades e carências singulares têm de conviver diariamente aceitando-se e respeitando-se. A convivência os torna pessoas mais compreensivas, mais solidárias, o que ocorre com a troca de experiências e auxílio mútuo. O aluno que aprende com mais rapidez repassa o conteúdo ao mais lento e aprende a respeitar o tempo dos colegas. O mais velho transmite a sua experiência de vida e mostra ao jovem a necessidade de reavaliar atitudes como educação e respeito; o mais jovem transmite habilidades próprias de sua geração. Nessa troca, todos crescem já que ocorrem mudanças positivas.

Para VIGOTSKY (1998), todas as atividades cognitivas humanas fundamentais tomam forma na matriz da história social. Por isso é preciso transmitir os valores sociais para potencializar as capacidades intelectuais e o desenvolvimento da inteligência.

A EJA tem a missão de suprir os conhecimentos de pessoas que não tiveram a possibilidade de dar seqüência a seus estudos dentro de um tempo convencional, por motivo da dificuldade de aprendizagem e possibilita a esses jovens e adultos

mostrarem sua capacidade cognitiva, emocional, expressiva e afetiva, pois trabalha a partir das potencialidades e não das dificuldades dos alunos.

A PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalha-se há cinco anos como professores na Educação de Jovens e Adultos, e sente-se a necessidade de divulgar o trabalho que está sendo construindo com os alunos, pois é uma caminhada recente que envolve comprometimento, empenho e, acima de tudo, sentimentos. Criando na relação com os alunos a dedicação, o afeto e o reconhecimento de estar diante de pessoas capazes de aprender, que têm discernimento e sabem da importância dos estudos para uma vida em sociedade.

Ao trabalhar com uma pedagogia diferenciada fez-se necessária uma mudança de paradigmas, a fim de tornar a aprendizagem interessante e útil, como uma forma de remover obstáculos. Para isso acontecer, os professores tiveram que rever conceitos e práticas, bem como, procuraram conhecer os interesses dos alunos, disponibilizando um tempo para ouvi-los, prestando mais atenção a eles, reconhecendo em suas falas a sua bagagem cultural e social, o que lhes serve de motivação.

Para que essas pessoas que apresentaram algum tipo de comprometimento cognitivo continuassem seus estudos, foi necessário estimulá-las a enfrentar suas dificuldades e empenhar-se em superá-las, pois um grande entrave das pessoas com deficiência cognitiva, na conquista de sua autonomia no meio escolar, provém da percepção negativa que têm de si mesma. Elas acreditam que o sucesso escolar está fora de seu alcance e assim tendem a um sub-desempenho escolar, porque a percepção negativa inibe a aquisição e a utilização de meios para adaptarem-se às exigências da escola, atitudes que devem ser substituídas por outras ativas e modificadoras e, assim, conseguirem atingir o objetivo a que se propuseram no início de cada etapa que é o de atingir a média final em cada uma das disciplinas.

Esses alunos recebem o mesmo material e desenvolvem os mesmos conteúdos que os demais. A partir disso, trabalha-se em sala de aula com atendimento individual e parcerias com os seus colegas. Para reforçar a aprendizagem trabalha-se com os alunos às quartas-feiras também com esse tipo de atendimento, para que ocorra a compreensão a assimilação dos conteúdos estudados e, assim, o seu avanço para a etapa seguinte.

Ao avançar para a etapa seguinte, ocorre uma mudança significativa da visão do aluno em referência à escola, que para ele passa a ser o lugar em que deveria estar a mais tempo, pois compreende que as suas capacidades necessitavam de um maior interesse e estímulo, estavam ali adormecidas, precisando de uma maneira diferente de despertá-las o que está acontecendo dentro da escola. A outra mudança é do lugar que o aluno ocupava, tanto no espaço físico como também no lugar que pode ocupar dentro de seu espaço social.

Ao falar em mudar de etapa refere-se às profundas transformações que ocorrem na vida do aluno, cognitivas e sociais, uma dependente da outra, pois ao aprofundar e assimilar novos conhecimentos começa um processo de redimensionamento de si mesmo, se antes acreditava não ter mais capacidade de aprender, agora visualiza um novo mundo diante de si, um mundo onde seus talentos são valorizados e onde surge uma nova consciência, uma nova pessoa, apta a idealizar e realizar projetos antes latentes. Toda essa mudança torna-o mais seguro na convivência em sociedade, sente-se mais forte e concorre com mais igualdade com os outros, na busca de oportunidades tanto profissionais quanto sociais.

A partir dessas colocações se estabelece conexões entre nossos alunos, sua capacidade cognitivo-afetiva, a EJA e a sociedade em que vivem essas pessoas, observa-se, na prática, o quanto os alunos ampliaram seus conhecimentos frente à vida e sentem-se vencedores porque enfrentaram os desafios que os estudos de diferentes disciplinas lhes impuseram. Tem-se observado que quanto maior o grau de complexidade das atividades propostas, mais conexões são desenvolvidas, ler e estudar são atividades que levam à ampliação da estrutura cognitiva, tornando o aluno uma pessoa mais segura em relação às exigências do dia-a-dia e na convivência com os outros.

São muito importantes as ações promovidas pelos professores porque delas dependerão o sucesso ou não desses alunos. A EJA é uma constante adaptação curricular e de procedimentos, procurando sempre corresponder aos anseios dos alunos e o professor deve acompanhar cuidadosamente toda essa caminhada e, muitas vezes, mudar sua maneira não somente de agir, mas principalmente, de pensar e sempre trabalhar com os alunos a partir de suas habilidades para amenizar as dificuldades, alicerçando o seu trabalho no princípio da inclusão desse aluno em seu espaço escolar e conseqüentemente no social.

Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos traz um novo sentido à vida dos alunos com necessidades educacionais especiais (antes estigmatizados como incapazes de concluir ou prosseguir seus estudos) e, associado a isso, um sentimento de ser e estar no mundo partilhando saberes, possibilitando-lhes a mudança de lugar, o virar das páginas, e novos começos a cada etapa vencida. Cada etapa a vencer significa um novo desafio e o alargamento de uma nova perspectiva. Por essa razão, a escola passou a desempenhar um papel fundamental na vida dos alunos, proporcionando a participação em grupos diferentes e sua inclusão neles. Com tudo isso, são apagadas as nódoas e velhos estigmas, preconceitos são derrubados e acredita-se que quanto maior a sua participação em grupos e situações diversas, mais poderão ampliar suas relações sociais e, assim, desenvolverem-se integralmente como pessoas, através de um entendimento global da realidade em que vivem e uma maior compreensão de si mesmo. Efetivando o seu maior objetivo: a inclusão no seu espaço escolar e no meio social onde vivem.

OS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

As experiências educacionais estão repletas de erros e acertos realizados por educadores, porém quem mais fica prejudicado diante desses erros, são os educandos, que se encontram no meio do processo educacional. Portanto, é necessário que o educador seja responsável pelos seus atos e tenha consciência das ações que realiza no seu fazer pedagógico, pois dependendo do resultado das mesmas ficará marcado positivamente ou negativamente na vida de seus educandos. Ensinar exige segurança, responsabilidade e competência profissional, pois num mundo como esse, em que progredem a ciência e suas aplicações tecnológicas o educador deve informar-se, documentar-se, aperfeiçoar-se, tornar-se mestre em sua prática.

Portanto, o educador deve saber que o seu papel é o de ser o agente de transformação social e pode combater, através da educação atitudes e comportamentos. Nessa perspectiva, o professor também tem a responsabilidade de criar as condições afetivas para que ocorra o processo da apropriação de conhecimentos.

A prática do ensino não é tão simples como a entendem alguns educadores, não se refere a treinamentos ou repetições; é muito além do fato de seguir regras e aplicá-las mecanicamente. Ensinar é um método singular e para tal, é necessário

focalizar o contexto em que se está inserido. Por isso, a aprendizagem não pode ser generalizada ou quantificada, a sua prática é qualitativa e individual, pois, cada pessoa aprende de uma maneira única.

Os profissionais da Educação de Jovens e Adultos devem estar em constante e contínua evolução intelectual (formação continuada), para que o exercício de sua profissão realize-se dentro dos princípios da ética e comprometimento, colaborando, assim, em um processo de transformação que o mundo de hoje apresenta.

Os professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos, tem que ter consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que façam o aluno permanecer em sala de aula. Devem ser comprometidos com a aprendizagem dessas pessoas, pois a realidade dos alunos da EJA é bastante diferente das de outros alunos que estudam no período adequado e, requer do educador uma postura e prática diferenciada. A utilização de métodos mais relacionados à realidade da coletividade em que estão trabalhando, praticar uma educação inovadora, dialógica, transformadora, na qual educador e educando reflitam, questionem, socializem as descobertas e indagações da realidade em que vivem, pois somente através da educação transformadora é possível acontecer a inclusão dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais.

Na EJA, é fundamental que tanto o educador como o educando saibam que a postura deles é de diálogo, indagadora, instigadora e não passiva. O aluno, após a jornada de trabalho, chega cansado em sala de aula e, para que ele se interesse o professor deve despertá-lo através do diálogo, realizar aulas dinâmicas, utilizando recursos que despertem curiosidade e que oportunizem a aprendizagem.

Dessa forma, deve ampliar a bagagem de conhecimento que o indivíduo já possui, fazendo com que o educando reconheça o seu próprio saber e que isso fará com que contribua com o saber coletivo e compartilhe do mesmo.

A CAMINHADA PARA A APRENDIZAGEM

Utiliza-se um processo de aprendizagem que só tem significado para aquele que aprende quando são acionados pelo recurso pedagógico os recursos estéticos, éticos e sociais, elementos que têm possibilitado o gosto e a vontade por aprender e dar significado ao que aprendem. Considera-se o aluno como um ser ativo-interativo na construção do seu conhecimento: indivíduos que passaram a construir um saber sobre si, sobre suas vontades, sobre o mundo à sua volta. Os recursos que elegidos

para ensinar e os que o aluno elege para aprender atuam de forma positiva na construção do processo da aprendizagem e favorecem o processo de assimilação, a criatividade e o desenvolvimento cognitivo, o que permite a adaptação do sujeito ao meio e à sua realidade. Cabe ao professor, verificar não só quem aprende, mas, principalmente, como o aluno aprende e o melhor recurso a utilizar para que seu aprendizado seja efetuado; o melhor recurso, portanto, será aquele que melhor permitir a consecução dos objetivos propostos.

Diante do exposto, torna-se claro que a inteligência dos alunos com deficiência cognitiva evolui na medida em que se atua pedagogicamente em duas frentes: a que se refere à solicitação do desenvolvimento das estruturas mentais e a que propicia uma melhoria de condições de funcionamento intelectual. Portanto, faz-se necessário assegurar ao sujeito cognitivamente prejudicado um maior apoio na construção de seus instrumentos intelectuais e na utilização adequada destes frente a situações-problema.

Nesse contexto, os educadores devem analisar claramente a ação educativa, percebendo-a como uma ação social produzindo assim uma prática educativa, articulada entre a teoria e a prática, tendo o educando como base para essa construção. Para escolher os assuntos a serem trabalhados, o professor precisa estar atento ao significado que os alunos atribuem a alguns temas e dinamizar as suas aulas com conteúdos e discursos que estejam inseridos na realidade do cotidiano desses indivíduos.

Haja vista que estudar é um direito de todos e, para isso se faz compreender a diversidade na educação, em que todos são iguais, mas com diferenças e nesse sentido, o professor deve observar as necessidades de seu aluno, o modo como aprende, seus desejos e vontades, seu envolvimento emocional e os aspectos sócio-culturais que permeiam sua vida. Essa observação possibilita ao professor perceber as necessidades do aluno e reconhecer a diversidade e, portanto, usar recursos que sejam significativos para ele, com a finalidade de levá-lo a construir competências para viver em sociedade com ética e cidadania. Procurar trabalhar no terreno da autoconfiança, da dignidade humana.

Atualmente, vive-se a diversidade em todos os aspectos: social, histórico, cultural, emocional, físico, racial e religioso – portanto, precisa-se aprender a lidar com as diferenças, sejam elas quais forem no lugar em que estiverem; aprender a

tolerância, a flexibilidade; somente assim poderá se viver em uma comunidade humana, em que a vida de um depende da vida do outro, vivendo em rede.

O QUE OS ALUNOS FALAM – ETAPAS COMPARTILHADAS

Transcreve-se aqui falas de alguns alunos, que apresentaram déficit cognitivo em sua trajetória escolar, sobre a EJA.

“Gosto muito de fazer o EJA, mas eu preciso me esforçar muito para poder passar, agora acho que posso ir para a faculdade. Antes me diziam que não adiantava eu estudar porque não aprendia.” (36 anos)

“Eu só estudei no tempo do primário, não passei na admissão, agora voltei por causa do EJA, estou aprendendo muita coisa e fazendo muitos amigos, me sinto muito feliz. Deixei de escutar as pessoas que falam para mim que não adianta, pois se não conseguia aprender antes que era mais nova agora será pior.” (55 anos)

“Para começar, estou estudando porque quero ajudar minha família. Quero ter meu próprio dinheiro. Quero trabalhar no futuro. Quero terminar o Ensino Médio e vou lutar pelo que quero, com muita força e muita disposição, pensando positivo e lutando, tudo se consegue, basta a gente querer e ter fé para conseguir as coisas. Não quero mais achar que sou burro .” (19 anos)

“A EJA trouxe muita luz para minha vida, todos se ajudam... Mudou minha vida! O grupo me ajuda, tudo mudou para melhor. Aprendo Matemática, História, Português, e até Física e Inglês, tudo me faz bem! Visitamos museus, bibliotecas, fomos assistir uma reunião da Câmara de Vereadores, fazemos muitas coisas interessantes. O mais importante é que aprendi que devemos nos juntar a outras pessoas para superar as nossas dificuldades.” (42 anos)

“Fiquei sabendo da EJA e me inscrevi porque quero tirar meu diploma, estou no Ensino Médio, e já consegui um emprego no supermercado. Mas o que eu quero mesmo é trabalhar num engenho de processamento de arroz que visitamos durante o curso. A professora disse que eu posso fazer isso, mas que preciso me esforçar muito.” (19 anos)

“Me colocaram na EJA porque eu não podia mais ficar no turno da manhã, estava muito velho para isso, não queria estudar porque achava que não aprendia, isso me deixava com raiva, só queria um jeito de ganhar dinheiro. Mas então vejo colegas que conseguiram emprego porque estão estudando e eu quero isso também. Gostei muito de conhecer o engenho de arroz e de uma palestra sobre como cuidar das árvores.” (18 anos)

Verificam-se, através das falas dos alunos os entraves das pessoas que possuem alguma necessidade educacional especial, na conquista de sua autonomia no meio escolar, que provém da percepção negativa que elas têm de si mesma, geralmente imposta pelos outros. As pessoas que crêem que o sucesso escolar está fora de seu alcance tendem a um sub-desempenho escolar, porque essa percepção negativa inibe a aquisição e a utilização de meios para adaptar-se às exigências da escola.

Diante disto, cabe reforçar a metodologia na Educação de Jovens e Adultos que utiliza práticas de ensino que trabalham com os diferentes tempos de aprendizagem e, assim, busca proporcionar o desenvolvimento da autonomia, a valorização dos papéis sociais e a inclusão dos alunos.

A PEDAGOGIA DE PROJETOS

A técnica dos Projetos é uma das práticas utilizadas na EJA. No início do ano escolar é escolhido, pelos professores e equipe diretiva da escola, o tema que orientará o desenvolvimento dos conteúdos de todas as disciplinas e aplicado aos mesmos. Na escolha do tema leva-se em conta a realidade em que está inserido o aluno; o seu ambiente físico-social e as suas necessidades em resgatar valores e a si mesmo.

O tema aborda assuntos atuais, do interesse geral e procura sempre apontar caminhos para a inclusão de todos os indivíduos. Procura-se acompanhar e satisfazer aos anseios dos alunos.

Em uma das etapas foi desenvolvido o projeto “Profissões”, devido à carência de empregos formais. Neste Projeto, foram trabalhadas várias atividades como palestras com profissionais diversos, mostras de trabalhos e a prática dos mesmos. Isso despertou a capacidade dos alunos no sentido de criar atividades para garantir

seu sustento e da sua família¹. O retorno foi em aprendizagem e resgate da auto-estima.

Em outra etapa o tema escolhido foi o "Meio Ambiente", também com um ciclo de palestras com profissionais e ecologistas, este incluiu uma visita a um engenho de beneficiamento de arroz onde foi mostrado a utilização das sobras para novos empreendimentos. Os palestrantes enfatizaram o compromisso que cada pessoa tem na preservação do meio ambiente deve-se cuidar no presente para que exista o futuro². Neste projeto, os alunos sentiram-se os construtores da história, conscientizaram-se de sua importância como seres sociais e com responsabilidades nesse processo de preservação, observou-se uma mudança de comportamento em relação ao lixo, a água e aos cuidados com a escola.

Diante do exposto, pode-se comprovar que pedagogias diferenciadas e a utilização de temas que fazem parte do dia-a-dia dos alunos surtem efeito positivo na aprendizagem dos educandos com Necessidades Educativas Especiais.

Considerações finais

A EJA apresenta uma proposta social, que tem por objetivo criar novos espaços para que todos os alunos, inclusive os que têm dificuldades de aprendizagem apresentando algum déficit cognitivo, possam realizar este curso dentro de suas possibilidades, buscando formas de satisfazer todo indivíduo que deseja estudar, ampliar seus conhecimentos e obter um certificado oficial.

¹ Cabe ressaltar que os palestrantes e participantes das mostras, na maioria, foram os próprios alunos que representaram várias categorias, tais como: músicos, cabeleireiros, manicures, bordadeiras, confeitadeiras, artesãos, pintores, carpinteiros, pedreiros, mecânicos, domésticas, catadores de lixo e recicladores. Nesse envolvimento dos alunos obtivemos um retorno em aprendizagem que compensou todo o trabalho e também funcionou como um indicador de novos caminhos, porque eles viram pessoas comuns que deram certo e identificaram-se com eles. ² Nesse projeto os alunos apresentaram um teatro onde mostraram a degradação do meio ambiente, causada pelo homem e, logo após o seu comprometimento em restaurar a natureza. Isso foi feito de uma maneira exuberante. Utilizaram cenários, som e luzes e uma interpretação impecável, verificou-se mais uma vitória dos alunos.

Nesse sentido, a EJA, incentiva o caminho da autonomia gerada no dia-a-dia e que proporciona, através de desafios, a afirmação da auto-imagem, a confiança em si, a persistência e, o mais importante, o questionamento, o construir para ser. Amplia a sua socialização, permitindo o contato e a relação com pessoas diferentes, o que gera uma inclusão natural, uma inclusão entre seres humanos.

Assim, percebe-se que a inclusão é um processo de transformação e, como tal está iniciando nas escolas, que devem ter como o eixo do trabalho realizado em sala de aula o indivíduo; o ser humano, a expressão humana de cada aluno. Lidar com a diversidade e com as possibilidades de cada um e procurar gerar relações saudáveis nas relações de aprendizagem, buscar a inclusão de cada um em sua singularidade.

Também, é necessário procurar novas maneiras de ligação entre o conhecimento e o aprendizado, para isso é preciso trabalhar na formação continuada do professor, numa busca de construção de práticas diferenciadas que objetivem romper com o individualismo e com a rotina pedagógica. O processo de aprendizagem deve ter como princípio a capacidade dos professores no desenvolvimento de novas práticas que não sejam somente reprodutivas, mas que visem o desenvolvimento global do aluno.

A respeito da prática inclusiva da EJA, reforça-se e citam-se abaixo procedimentos que não devem ser esquecidos ao longo da caminhada:

- Atualização e formação em serviço como um processo contínuo.
- Utilização de espaços sistemáticos de estudos no reforço de conteúdos para alunos com dificuldades de aprendizagem.
- Diversificação da metodologia em sala de aula.
- Trabalhar a partir da potencialidade e da diversidade, sem destacar as dificuldades.
- Utilização de trabalhos em grupos nas aulas.
- Rever, continuamente, processos de avaliação dos alunos.
- Avaliar e, se necessário, modificar a prática docente.

Portanto, na aplicação de todos esses métodos somados à afetividade e outros motivos - invisíveis aos olhos -, os alunos que possuem alguma necessidade educativa especial ao estudarem na EJA conquistam uma autonomia, um brilho próprio motivados pela vontade de estar na sociedade, agir sobre ela. Assim,

encontram novas possibilidades de mudança em suas vidas e vêem que têm muito por fazer e muito por conquistar.

Referências Bibliográficas

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola**: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

Ensaio Pedagógico. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

Cadernos de Educação Especial/Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação/Departamento de Educação Especial/Laboratório de Pesquisa e Documentação – LAPEDOC- . vol. 2 (2002) – nº 20 (2002) – 139 p. – Santa Maria. V.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 15.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Soraia; RODRIGUES, David; KREBS, Ruy (org). **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria: UFSM, 2005.

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob (org). **Caminhos pedagógicos da educação especial**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Ser ou estar: eis a questão**: explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro: W V A, 2000.

Revista da Educação Especial/Secretaria de Educação Especial. v.1, n.1 (out. 2005). – Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

ROSITA, Elder Carvalho. **Removendo barreiras para a aprendizagem**: educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2000.

Saberes e Práticas da Inclusão: recomendações para a construção de escolas inclusivas. [2.ed.]/coordenação geral SEESP/MEC. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

TAILLE, Yves De La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloísa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

TILSTONE, Christina; FLORIAN, Lani; ROSE, Richard. **Promover a Educação Inclusiva**. São Paulo: Instituto Piaget, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

